

DOI: (não preencher)

Recebido em: não preencher / Aceito em: não preencher



VALOR DIMINUTIVO DO SUFIXO -ÃO EM PORTUGUÊS DIMINUTIVE VALUE OF THE SUFFIXE -ÃO IN PORTUGUESE

Autor

RESUMO:

Neste estudo descreve-se o uso do valor diminutivo do sufixo *-ão* em português, seja na variante europeia, em cuja língua não padrão se encontra mais atestado, seja na variante brasileira, na qual tem uso diminuto. Uma vez que a identidade de uma língua não se confina à língua comum, mas inclui as suas manifestações diatópicas, diastráticas, diafásicas e diacrônicas, foram compulsadas fontes dialectais do português europeu que abonam a ocorrência do sufixo com valor diminutivo, o qual está igualmente presente em outras línguas românicas, e analisam-se as condições estruturais e históricas da ocorrência deste padrão românico no idioma lusitano. Embora o valor semântico de diminuição de *-ão* esteja menos representado, sendo claramente periférico na atualidade, ele tem reflexos relevantes nas implicações que a duplicidade de ‘diminuição’ e ‘aumentação’ comporta para o estatuto dos avaliativos e para um dos fundamentos maiores da morfologia construcional e cognitivista: o pareamento entre estrutura semântica e estrutura fonológica. Será proposta uma solução compatível com este princípio e com a dualidade semântica de *-ão*.

PALAVRAS-CHAVE: Derivação; Sufixos avaliativos; Sufixos Diminutivos; Formação de palavras; Língua Portuguesa.

ABSTRACT:

This study describes the use of the diminutive value of the suffix *-ão* in Portuguese, either in the European variant, in whose non-standard language is more attested, or in the Brazilian variant, in which it has small use. As the identity of a language is not confined to the common language, but includes its diatopic, diastractic, diaphasic and diachronic manifestations, dialectal sources of the European Portuguese were explored, since they support the occurrence of the suffix with a diminutive value, which is also present in other Romance languages. The structural and historical conditions of the occurrence of this Romance pattern in the Lusitanian language are analyzed. Although diminutive value of *-ão* is less represented, being clearly peripheral today, it has relevant repercussions on the implications that the duplicity of ‘diminution’ and ‘augmentation’ have for the status of evaluative suffixes and for one of major foundations of constructional and cognitive morphology: the pairing between semantic structure and phonological structure. A solution compatible with this principle and the semantic duality of *-ão* will be proposed.

KEYWORDS: Derivation; Evaluative suffixes; Diminutive suffixes; Word formation; Portuguese Language.

Introdução

Nas gramáticas de referência do português, como as de Cunha e Cintra (1994: 91-92) e Bechara (2004: 361), o sufixo *-ão* é descrito como um aumentativo, não havendo qualquer

referência ao seu valor diminutivo. Rocha Lima (1972) e Azeredo (2010) não também lhe fazem menção. O mesmo se aplica a Soares Barbosa (1822), Michaëlis de Vasconcelos (1914), Basílio (1999, 2004), Kehdi (1992) e Sandmann (1989).

O valor aumentativo de *-ão* é em regra o único assinalado, não sendo sequer mencionado o seu sentido diminutivo, por aquele ser de longe o semantismo mais representado e disponível.

Em todo o caso, a realidade da língua portuguesa, usada em Portugal ou no Brasil, revela-se mais complexa, pois em alguns casos, na língua comum, e sobretudo na linguagem do mundo rural de falantes menos alfabetizados, em várias zonas dialectais de Portugal, persiste o uso de *-ão* com valor diminutivo, o que conduz a uma pluralidade semântica do sufixo e a uma não univocidade forma-sentido, com consequências teóricas não despiciendas para a morfologia derivacional e para o estatuto do sufixo.

Com efeito, a dificuldade de atribuição de um só significado a cada sufixo, documentada pela presença de mais do que um semantismo associado à mesma forma derroga a relação de pareamento entre forma e significado (Aronoff; Fudeman, 2005: 38-40), fundacional da morfologia construcional e da Linguística Cognitiva, em favor de uma relação plurívoca.

Pressupostos teóricos e metodologia

O quadro teórico que espalda esta reflexão é multidimensional, envolvendo o pensamento de nomes de referência dos estudos morfológicos e lexicais, como Aronoff & Fudeman 2005, Basílio 1999, 2004, Booij 2007, 2010, Gonçalves 2016, Nunes 1989, Michaëlis de Vasconcelos 1914, AUTOR xxxx 1, xxxx2. A língua é encarada no seu uso, nas suas dimensões construcional, mental, cognitiva, sociocultural e pragmática, na sua variação diatópica, diafásica e diastrática, e nas suas sincronias e diacronias.

Dados de diferentes sincronias e de diferentes universos sociodialectais podem contribuir para clarificar o estatuto de certos afixos, como o dos avaliativos, alguns dos quais muito propensos a uma acentuada polissemia.

Foram escrutinadas fontes lexicográficas, representativas da realidade brasileira e portuguesa, maioritariamente do último quartel do século XX, de uso comum e com abrangências e extensão diversas, tais como o *Dicionário da língua portuguesa* da Porto Editora, o *Dicionário da língua portuguesa* da Domingos Barreira, o *Grande dicionário da língua portuguesa*, de Cândido de Figueiredo, o *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2021, o *Novo dicionário da língua portuguesa*, de Aurélio Ferreira (1ª e 2ª edições), e o *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*.

As fontes dialectais por nós compulsadas, muitas das quais inéditas ((i) teses de Licenciatura [então de cinco anos] das Faculdades de Letras da Universidade de Coimbra e da Universidade de Lisboa e (ii) Relatórios do *Inquérito Linguístico Boléo*, consultáveis na Faculdade de Letras de Coimbra) testemunham o uso de *-ão* com valor diminutivo, ainda que não muito produtivo e/ou disponível, sobretudo em variedades mais ‘rurais’ do português europeu. Todavia, alguns dos nomes derivados em *-ão* com valor diminutivo são comuns a todo o universo pluricontinental de língua portuguesa, o que se deve à sua longevidade na história da língua (*cordão*, *estradao*, *pontão*, todos atestados desde o século XIII).

O sufixo *-ão*: origem e manifestações do valor diminutivo

Em várias línguas românicas, entre as quais a portuguesa, a espanhola, a italiana, a romena, o valor mais atestado dos representantes de *-ONE* é o aumentativo ou intensivo. Mas o francês, o provençal, o siciliano, o calabrês, o catalão, o aragonês e o galego dispõem ainda do valor diminutivo (DIEZ, 1874, p. 315-317; HASSELROT 1957, p. 225), que também existe, ainda que escassamente representado, no português. Diez considera que é natural que tenha sido o francês a língua que mais diretamente contribuiu para o aparecimento de *-ão* diminutivo em português, como o atesta *cordão*, certamente do francês *cordon*.

Segundo Hasselrot 1957, *-ONE* era um sufixo raro na literatura antiga. Deve ter sido contemporâneo de *-ITTU*, mas teria sido usado apenas na linguagem oral. Qualquer que seja a sua génese, a preservação do valor diminutivo de *-ão* em Portugal, como em terras de língua aragonesa, catalã, franco-provençal, siciliana e calabresa, aponta para um traço românico presente em várias geografias, por certo tributário de vários fenómenos de contato linguístico em regiões tão distantes e ‘marginais’ quanto o litoral atlântico da Península Ibérica e o do sul

de Itália (MAGNO, 1961), e de que há testemunhos inequívocos, nomeadamente no tocante às denominações de alfaias e utensílios agrícolas, como as denominações de medidas de capacidade e as de corte (PINTO, 1981, 1983). Os grandes manuais recentes de linguística românica (HARRIS; VINCENT, 1990, LEDGEWAY; MAIDEN, 2016, 2022) não fazem menção à disseminação e às razões da dispersão dos descendentes de -ONE com valor diminutivo, os quais sinalizam uma rede de intercomunicação lexical certamente muito antiga que, fruto de vicissitudes várias, se manteve como dominante em certas latitudes, e minoritária noutras.

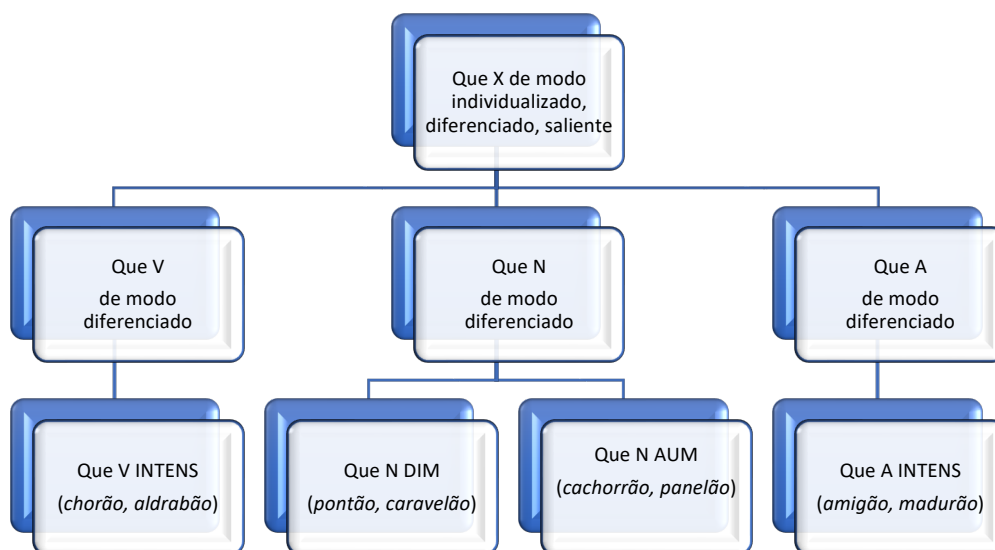
O valor diminutivo de *-ão* é um valor não disponível no português coloquial contemporâneo, mas atestado em palavras recolhidas na linguagem popular de algumas variedades linguísticas mais conservadoras. Provavelmente, dos nomes de valor diminutivo abaixo arrolados, apenas *pontão* ‘pequena ponte sobre um ribeiro; pequeno viaduto em estradas’ e *estradão* ‘estrada ou caminho rústico e irregular, geralmente sem bermas definidas (*estradão em terra batida*)’ serão reconhecidos e usados com valor diminutivo na língua comum. No *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/> [consultado em 09-11-2021], de onde foram extraídas estas descrições, o primeiro semantismo abonado de *estradão* é o de ‘estrada grande ou larga’, confirmando assim a duplicidade de valores avaliativos associada a *-ão*.

Primitivamente este sufixo tinha por função explicitar, de forma neutra, a individualização ou a singularização de algo em relação ao que a base denota, mas progressivamente foi adquirindo os valores aumentativo e diminutivo. Como afirma o filólogo,

«ONE servait primitivement à individualiser; il s'attache à des thèmes verbaux ou nominaux pour désigner la personne qui accomplit une action avec une prédilection particulière, qui possède une qualité à un degré supérieur, qui se fait remarquer, attire parmi les autres l'attention par son occupation, par une particularité interne ou externe. Or cette signification fondamentale s'est diversement développée dans les différentes langues: *-one* est devenu dans presque tout le domaine franchement augmentatif, mais il a aussi élargi davantage encore sa propriété d'individualiser» (MEYER-LÜBKE, 1895, §456).

Assim, o valor matricial terá sido o de INDIVIDUALIZAÇÃO, através de uma dada propriedade saliente, que se cristalizou essencialmente no sentido aumentativo-intensivo, mas também no diminutivo. Na figura seguinte, o valor mais genérico, matricial e não subcategorizado de INDIVIDUALIZAÇÃO, de DIFERENCIAÇÃO é representado por “Que X de modo individualizado, diferenciado, saliente”; os valores deverbal, denominal e deadjetival são representados por “Que V de modo diferenciado”, “Que N de modo diferenciado”, “Que A de modo diferenciado” e manifestam-se, no uso concreto, por valores intensivos/aumentativos e, apenas no caso dos nomes denominais, também pelo valor diminutivo. A Figura seguinte sumariza as diferentes possibilidades combinatórias e respetivos valores semânticos de *-ão*.

Figura 1 – Do valor matricial aos valores de uso do sufixo *-ão*: esquemas construcionais e exemplos empíricos



Fonte: elaboração própria

Para alguns, a emergência do valor diminutivo de *-ão* é parcialmente determinada pelo conteúdo da base a que o sufixo se anexa. Mas a coexistência de

produtos nominais passíveis de uma leitura aumentativa e diminutiva atesta que o semantismo da base não tem influência sobre o valor do sufixo. Palavras como *albardão*, *alqueirão*, *caldeirão*, *casão*, *estradao*, *feirão*, *leirão*, *milhão*, *montão*, *peixão*, *pulgão*, *telhão* serão interpretadas *a priori*, por um falante comum, como aumentativas; a sua leitura diminutiva ficará por certo circunscrita aos falantes de língua materna que já tenham tido acesso ao contacto com tais derivados, com esse valor mais antigo. Um caso paradigmático é o de *montão* que, nas edições dos anos 80 do DLP ainda é descrito como ‘montículo, monte pequeno’, mas também como ‘conjunto de coisas empilhadas sem preocupação de ordem; acervo; pilha; *aos montões* ‘em grande quantidade’. Nas edições mais recentes do mesmo dicionário o valor diminutivo já não é abonado.

O sufixo *-ão* com valor diminutivo agrega-se fundamentalmente a bases marcadas pelo traço [-ANIMADO] (cf. *agulhão*; *albardão*; *batelão*; *caldeirão*; *camalhão*; *cangão*; *carreirão*; *casão*; *chavelhão*; *chicharões*; *cubatão*; *escadão*; *feirão*; *foução/foição*; *leirão*; *malotão*; *masseirão*; *milhão*; *montão*; *mosquetão*; *pedrões*; *pontelhão*; *regueirão*; *ribeirão*; *telhão*; *terrão*; *urtigão*) e pelo traço [+ANIMAL] (cf. *agudião*; *aguidão*; *peixão*; *pintão*; *pulgão*). Não há registo de derivados construídos com base em radicais de nomes de ser humano, de nomes de qualidade ou de propriedade. Em português, e tanto quanto nos é dado saber, nas demais línguas românicas, o valor diminutivo do sufixo não está disponível para a derivação de nomes deverbais. Este sufixo também não é compatível com bases adjectivas. O seu espectro combinatório é, pois, manifestamente diminuto face ao de *-ão* com valor aumentativo/intensivo que, sendo compaginável com bases nominais, adjectivais e verbais, tem muito mais condições estruturais para continuar disponível e produtivo, o que não acontece com *-ão* de valor diminutivo.

Alguns casos, como o de *mantão* ‘(ant.) espécie de capote curto’ (DLPCF); ‘espécie de capotilha’ (DLPDB); ‘espécie de capa com capuz’ (DELP) apresentam fronteiras ténues entre o valor diminutivo e o especializado. São aqui considerados os nomes que explicitamente possuam traços semânticos de diminuição, nas suas diversas modalidades e variantes (“tipo mais pequeno de X”, em que X representa o denotado pela base nominal), ou seja, todos aqueles cuja significação pressupõe uma avaliação diminutiva que afecta as dimensões, a estatura, a idade, entre outras.

São os seguintes os derivados recolhidos nas fontes lexicográficas e dialectais compulsadas:

- 1) **adelhão** — calha de madeira/pequena caldeira, suspensa da adelha, com inclinação regulada por um cordel [...] (DLPCF); espécie de caldeira que conduz o cereal da adelha para o centro da mó (DLP).
- 2) **agudião** — formiga alada, mais pequena que a *agúdia* (DLPCF).
- 3) **aguidão** — agúida pequena (DLPCF).

- 4) **agulhão** — pequena bússula de bordo (DLP; DLPCF); (náut.) agulha-padrão; pedra pontiaguda submersa no leito dum rio (NDLP).
- 5) **albardão** — albarda pequena, no falar popular de Odeleite, Algarve (CRUZ, 1991, p. 146).
- 6) **barranhão** — (ou *barrenhão*) recipiente de madeira onde se prepara a comida para os porcos; pequeno alguidar (DLP); (prov.) pequeno barril portátil para vinho (DLPDB); alguidar pequeno, não vidrado, na linguagem popular de Aldeia Nova de São Bento, Serpa, Beja (SEITA, 1944, p. 46); pequeno alguidar ou vasilha de barro grosseiro, semelhante ao alguidar, mas mais pequeno, onde comem os ganhões (POMBINHO Jr., 1924, p. 74).
- 7) **batelão** — (bras. MT) canoa pequena (NDLP).
- 8) **cangão** — canga pequena, sem varandas ou molduras; registado em Venade, Caminha, Viana do Castelo (LOUÇÃO, 1931, p. 251).
- 9) **caravelão** — (ant.) antiga embarcação de vela, de porte inferior às vulgares nesse tempo e sem acabamento perfeito (DLP); caravela pequena e rudimentar, muito utilizada no litoral brasileiro no início da colonização (NDLP); já atestada no *Tratado descritivo do Brasil* (1587) de Gabriel Soares de Sousa (cf. Primeira Parte: Roteiro geral da Costa brasílica, capítulo IX, p. 50; *ibidem*, p. 124).
- 10) **carreirão** — (prov. transm.) caminho estreito para carros; pequeno carreiro (DLPCF); pequeno caminho de carros; um carreiro (SANTOS, 1967, p. 243).
- 11) **casão** — pequena casa onde se arruma o material da pesca, também designada por *casino* na Ericeira, Mafra, Lisboa (ALVES, 1965, p. 205).
- 12) **chavelhão** — peça de madeira, mais pequena que a *chavelha*, que se enfia na cabeçalha, à frente da canga, registado em Vila Nova de Ourém, Santarém (SILVA, 1972, p. 277).
- 13) **chicharões** — feijões ‘chícharos’ pequenos, na linguagem popular da Beira Baixa (DIAS, 1962, p. 33).
- 14) **coirão** — cobreiro ‘cobra pequena’ (DLP).
- 15) **ubatão** — (bras. SP) pequena elevação no sopé de cordilheiras (NDLP).
- 16) **dobrão** — antiga moeda portuguesa de ouro, que valia 24 réis (DLPCF); (bras. do N e NE) moeda antiga de cobre, do valor de 40 réis (NDLP). Base: radical de *dobra*, nome de antiga moeda de ouro, que Santa Rosa Viterbo descreve, no *Elucidário* (vol. II, 1966, p. 199-200), como tendo valido entre 60 a 270 réis.
- 17) **escadão** — pequena escada; escadote (R.I.L.B., Castelo, Arnóia, Celorico de Bastos, Braga. 1952, p. 7).
- 18) **escotilhão** — escotilha pequena (DLPDB); pequena escotilha (NDLP).
- 19) **feirão** — (lus.) pequena feira (NDLP); (prov. minh.) feira pequena (DLP); feirinha; este conteúdo, que permite opor a *feira* (mensal) ao *feirão* (mercado semanal) ainda se preserva em Montalegre (GIRÃO, 1957, p. 55), na ‘Terra Quente’ transmontana (concelhos de Alfândega da Fé, Carrazeda de Ansiães, Macedo de Cavaleiros, Mirandela, Vila Flor) e em todo o Alto Minho (PEREIRA, 1917, p. 245).

- 20) **foição** — foice pequena (DLP).
- 21) **foução** — instrumento para cortar cereais, de gume serrilhado, que designa a FALX MESSORIA, e que é mais pequeno que a fouce (foice); está representado nos distritos da Guarda, Castelo Branco e Santarém (PINTO, 1981, p. 132).
- 22) **leirão** — leira pequena (DLPCF); espaço de terreno cultivado menor que uma leira (GDLP); uma das partes em que se divide a leira (SILVA, 1960, p. 253).
- 23) **masseirão** — masseira pequena para usos diversos, nomeadamente para servir alimentos aguados a animais domésticos (DLP).
- 24) **milhão** — (ant.) milho miúdo (DLPCF); milho que não logrou atingir o crescimento pleno, pelo que é aproveitado como alimento para o gado (zonas rurais do concelho de Águeda, Aveiro); grão de milho (R.I.L.B., S. Martinho, Várzea da Serra, Tarouca, Viseu. 1965, p. 158).
- 25) **montão** — montículo, monte pequeno (DLP); "*cavar de montão*" 'fazer a cava, deixando a terra em pequenos montes', no falar dos lavradores e pescadores do concelho de Olhão, Algarve (MACARA, 1964, p. 200).
- 26) **mosquetão** — (bras.) fuzil pequeno usado pelos soldados de cavalaria e de artilharia (NDLP); arma de cano curto, usada pela cavalaria e pela artilharia no Brasil (DLPCF). Mosquete 'espingarda grossa e pesada'.
- 27) **narcejão** — ave migradora parecida com a galinhola, porém mais pequena (DLPCF).
- 28) **peixão** — goraz, quando juvenil (DLP); (t. de Aveiro e Cascais) besugo pequeno (DLPCF); pequeno peixe de cor prateada, semelhante ao besugo (NETTO, 1945, p. 130).
- 29) **pintão** — filho da galinhola; frango; pintalegrete (DLPDB).
- 30) **pontelhão** — pequena ponte (DLPDB).
- 31) **pontilhão** — pequena ponte de vão total inferior a 10 metros (NDLP).
- 32) **quartão** — vasilha de barro para água, menor que a *quarta* mas maior que a *bilha*, em Turquel, Leiria (PINTO, 1981, p. 176-177); nome de medida de líquidos que, de um modo geral, equivale a um quarto de almude, e que está representado nos distritos de Aveiro, Coimbra, Leiria, Santarém, Castelo Branco, Portalegre (PINTO, 1983, p. 166 e p. 176-177).
- 33) **quarteirão** — medida de líquidos, correspondente à quarta parte do *quartilho*; o seu valor oscila entre um quarto e um oitavo de litro; medida de capacidade equivalente à quarta parte do *quarteiro* (PINTO, 1983, p. 25 n. 4 e p. 178-179).
- 34) **regueirão** — pequena corrente de água, registado em Bruçó, concelho de Mogadouro e Lagoaça, e no concelho de Freixo de Espada à Cinta, Bragança (SANTOS, 1967, p. 243).
- 35) **ribeirão** — curso de água menor que um rio e maior que um riacho (NDLP); já registado como "nomen unitatis" em Trás-os-Montes (SANTOS, 1967, p. 243).
- 36) **rodilhão** — pequena roda, em zorras e carros de mão (DLPCF).

- 37) **telhão** — telha prensada (DLPDB) ou pequena (registado em Águeda, Aveiro); (reg. da Bairrada, Beira Litoral) pedaço de telha partida, ou um caco de telha (DLPCF).
- 38) **urtigão** — urtiga miúda, que se aproveita para os perús enquanto pequenos, no Parâmio, Bragança (FERNANDES, 1961, p. 111).

Embora muitos dos derivados diminutivos em *-ão* sejam provenientes de universos lexicais regionais e/ou da linguagem popular, o sufixo *-ão* com valor diminutivo não é um operador exclusivo da linguagem popular. Ainda que se trate de um instrumento derivacional não comum e de uso predominantemente popular e não urbano, a sua ocorrência não se restringe a variedades idiomáticas específicas, pelo que ele deve ser encarado como um sufixo pouco produtivo, não disponível no português contemporâneo, que está tanto mais documentado quanto mais se recua na linguagem ‘popular’ do século XX.

Das quase quatro dezenas de nomes arrolados, estão abonados nos dicionários brasileiros compulsados oito derivados: *agulhão*, *batelão* (bras. MT), *caravelão*, *cubatão* (bras. SP), *dobrão* (bras. do N e NE), *feirão*, *mosquetão*, *pontilhão*. No *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*, o derivado *batelão* tem valor diminutivo e também aumentativo e *feirão* é descrito como Lusitanismo. *Agulhão* ‘Pedra aguda, submersa no leito de um rio’, denota ainda ‘[Náutica] Grande agulha de marear’, sentido também registado nos dicionários lusitanos.

Em Portugal, o recurso a este sufixo está igualmente atestado na formação de hidrónimos e de “topónimos correlatos”, isto é, de nomes de pequenas localidades, casais, aldeolas ou lugarejos cuja denominação representa um diminutivo formado a partir de um outro topónimo, mais antigo e de uma localidade mais significativa.

Como hidrónimo pode mencionar-se *Mondegão*, nome de um pequeno curso de água que desce da Serra da Estrela e desagua em ribeiros que vão dar ao Mondego (GIRÃO, 1955, p. 90), e que significa, em última análise, um pequeno Mondego.

São produtos deste tipo: *Cabeção*, topónimo muito frequente no centro e no sul do país; *Castelão* e *Castelões*, topónimos diminutivos largamente representados em diversas regiões de Portugal; *Caldeirão*, nome da lagoa vulcânica da mais pequena ilha açoreana, o Corvo, contrastando com as *caldeiras* que, nas outras ilhas, designam crateras maiores (GIRÃO, 1957, p. 55-57); *Albardão*, nome de freguesia de São Manços, concelho de Évora;

Paranhão; Picão; Valegões (PIEL, 1940, 1947); *Monchicão*, pequeno lugar da freguesia de Alferce, concelho de Monchique.

O quadro seguinte sumaria os dados coligidos.

Quadro 1 – Topónimos e hidrónimos portugueses em -ão com valor diminutivo

Topónimos correlatos		Hidrónimo
Albardão	Monchicão	Mondegão
Cabeção	Paranhão	
Caldeirão	Picão	
Castelão	Valegões	
Castelões		

Fonte: elaborado pelo autor.

No Brasil, se tomarmos como amostra a que foi recolhida por TAVARES 2019, p. 132 na região centro-norte de Mato Grosso do Sul, os topónimos derivados em *-ão* que foram identificados têm todos semantismo aumentativo: *Areão, Baixadão, Brejão, Buracão, Canastrão, Corixão, Grotão, Lagoão, Lajeadão, Manecão, Perdigão, Pindaibão, Poção, Taperão*. Muitas outras possibilidades de formação estavam em jogo (fitónimos, hidrónimos, zoónimos) que poderiam recorrer ao sufixo *-ão* com valor diminutivo, caso este fosse usado. Mas a sua ausência atesta a sua indisponibilidade, no contexto em pauta.

Que consequências para o estatuto de *-ão* e para a teoria morfológica?

A descrição do modo de funcionamento do sufixo *-ão* na língua portuguesa do último século, usada no Brasil e em Portugal, beneficia com o facto de se em ter em conta a operacionalização do sufixo por falantes de universos socioculturais e dialectais de esferas menos ‘padrão’, nomeadamente no âmbito do léxico ‘popular’ do mundo rural lusitano e no tocante a alguns dos seus lexemas mais antigos, os quais ajudam a compreender a globalidade dos usos do sufixo na sincronia do século XX. A realidade geo-sociolectal mais especiosa, tipicamente mais diferenciada que a da língua comum, proporciona uma

abrangência de situações, contextos e valores que alargam o mapa de relações, funções e valores de uso de um dado sufixo, e assim acontece também no caso do operador aqui em apreço: *-ão*.

Como vários estudiosos assinalaram (ROSA 1982, GONÇALVES *et al.* 2009), o sufixo *-ão* é antes de tudo um sufixo aumentativo e intensivo, seja em nomes e em adjetivos isocategoriais (ou seja, nomes derivados de nomes, como *grupão, janelão, jantarão, trabalhão*, e adjetivos derivados de adjetivos, como *amigão, gostosão, madurão*), seja também em nomes deverbais, os quais denotam ‘agente/aquele/aquilo que V’ (*aldrabão, mandão, fujão*), ‘instrumento com que se V’ (*esfregão, picão*), ‘evento, ação/processo de V’ (*arrastão, esticão, puxão*). Além deste semantismo, os deverbais apresentam também um valor de intensidade, mais saliente nos agentivos e nos eventivos que nos instrumentais, e que foi interpretado (AUTOR, XXXX 3) como atribuído por herança do valor mais prototípico do sufixo, o valor aumentativo-intensivo. Sem descartar esta possibilidade, a génese e a história do sufixo apontam para que, em complemento, a sua identidade tenha passado originalmente pela INDIVIDUALIZAÇÃO/DIFERENCIAÇÃO da entidade/do evento em jogo, através de uma propriedade saliente, que se terá fixado num sentido mais aumentativo-intensivo em algumas línguas, e num sentido diminutivo noutras. Na língua portuguesa hodierna, ambos os valores podem conviver, mas não se sobrepõem nas mesmas circunstâncias comunicativas.

Como já afirmado, o sentido diminutivo é claramente periférico face ao mais central, que é o aumentativo-intensivo. Não sendo desejável estabelecer uma homonímia entre dois sufixos *-ão*, um diminutivo e um aumentativo-intensivo, importa saber como incorporar a polissemia do sufixo na relação de pareamento entre forma e significado, há muito postulada pela teoria linguística. Um parêntesis para explicitar que não consideramos estar perante um caso de heterossemia, tal como descrita por Lichtenberk (1991), pelo facto de os dois valores semânticos, que estão relacionados historicamente — sendo, portanto, espaldados por uma comum origem e matriz (etimológica e semântica) —, não pertencerem a categorias morfossintáticas diversas, não desempenharem funções pragmáticas diversas, e não serem resultantes de um processo de gramaticalização.

Assim, a partir do esquema construcional mais genérico e abrangente ‘que X de modo individualizado, diferenciado, saliente’, em que X representa aquilo que a base nominal, adjetival ou verbal denota, são gerados esquemas mais específicos ‘que N de modo

diferenciado’, ‘que V de modo diferenciado’, ‘que A de modo diferenciado’, em que as manifestações dos modos diferenciados se articulam com a natureza nominal, verbal ou adjetival da base, manifestando-se por aumento, intensidade, diminuição. O valor diminutivo apenas está presente em nomes denominais.

A coabitação de semantismos aumentativo-intensivos e diminutivos, como a de aumentativo e depreciativo ou diminutivo e depreciativo, é frequente em vários dos operadores avaliativos do português (*-inh-*, *-ec-*, *-alh-*, entre outros), pelo que a sua coexistência nos derivados em *-ão* não representa uma anomalia. Este sufixo revela-se, como outros avaliativos, capaz de albergar uma polissemia de manifestações de avaliação, que está inscrita na própria natureza da avaliação, seja qualitativa, quantitativa e/ou intersubjetiva.

No caso de *-ão*, as significações que o sufixo ganhou, face às matriciais, não alteraram o significado do molde original, antes o modalizaram sob a forma de extensões em nada arbitrárias relativamente ao valor primordial. Também no caso de *-inh-*, o valor hedónico (*arrozinho*, *banhinho*, *carninha*, *sol(z)inho*), afetivo (*filhinho*, *mãezinha*, *sapatinho*), o de proximidade e empatia intersubjetiva (*adeusinho*, *um cafezinho*, *um favorzinho*, *um minutinho*) inscrevem-se igualmente nas possibilidades funcionais e pragmáticas de um diminutivo (na linha de que ‘o que é pequeno tem pouco valor, é depreciável, o que é pequeno é apreciável, estimável, empático’), o que comprova que a radialidade, num sentido majorativo ou minorativo, apreciativo ou depreciativo, que faz parte do DNA dos avaliativos. Uma vez mais se atesta que os significados são estruturados, abertos e subjetivos. Um operador pode ter um significado primário, mas o seu significado global pode incluir não só esse semantismo primário e central, como outros sentidos mais e menos centrais ou mais e menos periféricos, em função dos contextos situacionais em que é usado. No caso de *-ão*, o pareamento entre forma e sentido não é posto em causa, se assumirmos que o valor do operador é o avaliativo, e que este se pode manifestar num sentido diminutivo ou aumentativo.

Ao compaginar valor aumentativo-intensivo e diminutivo no sufixo *-ão*, a língua portuguesa fica assim, duplamente irmanada com as demais línguas românicas, como o francês, o provençal, o siciliano, o calabrés, o catalão, o aragonês e o galego, línguas que dispõem ainda do valor diminutivo, e também comunga com o castelhano, o italiano, o romeno, o valor aumentativo-intensivo. Uma vez mais, o conhecimento da história e da expressão multilinguística dos descendentes de um mesmo étimo na sua família de línguas, facilita a

compreensão dos atuais valores de um operador (no caso sufixal), sejam os mais centrais, sejam os mais periféricos. Uns e outros são relevantes para o mapeamento do funcionamento do sufixo, na sua diversidade e na sua diferenciação transcontinental.

Considerações finais

No português europeu e, em menor escala, no português do Brasil, o sufixo *-ão* funciona como operador diminutivo, estando presente em alguns nomes do léxico comum, como *estradao*, *pontão*, e em nomes do léxico mais específico do mundo rural, brasileiro (v.g. *cubatão*, *mosquetão*) ou lusitano (*agulhão*; *albardo*; *batelão*; *caldeirão*; *camalhão*; *cangão*; *carreirão*; *casão*; *chavelhão*; *chicharões*; *escadão*; *feirão*; *foução/foição*; *leirão*; *malotão*; *masseirão*; *pedrões*; ; *peixão*; *pintão*; *pulgão*; *pontelhão*; *regueirão*; *ribeirão*; *telhão*; *terrão*; *urtigão*). O valor diminutivo é raramente mencionado, talvez por ser menos típico e bem menos usado que o aumentativo e intensivo, de longe o mais representativo do sufixo. Por isso, para um falante comum, o mais provável é que os nomes sufixados em *-ão* acima arrolados sejam interpretados como aumentativos, correspondendo a ‘x [o denotado pela base] de grandes dimensões’. Tal valor diminutivo, que é comum a outras línguas românicas, encontra-se atestado em lexemas denotadores de realidades do mundo rural de Portugal e do Brasil, estando também presente em palavras já antigas na língua, como *caravelão*, *dobrão*, *mosquetão*, ou *quartão* e *quarteirão* ‘denominações de medidas de líquidos’.

A coexistência do valor diminutivo e do valor aumentativo, ainda que com pesos diferentes e com usos contextualmente distintos, é uma propriedade que afeta outros sufixos avaliativos e que se enraíza no semantismo do próprio sufixo *-ONE*. O valor matricial deste terá sido o de INDIVIDUALIZAÇÃO/DIFERENCIAÇÃO, através de uma dada propriedade saliente que, na língua portuguesa, se cristalizou essencialmente no sentido aumentativo-intensivo, mas também no diminutivo. Este valor diminutivo manifesta-se nos nomes denominais; o valor aumentativo-intensivo está presente em nomes denominais, deverbais e em adjetivos. Assim, *-ão* comporta-se como outros avaliativos (v.g. *-inh-*, *-ec-*) que, ao lado de um valor mais representado, como o diminutivo de *-inh-* (*dedinho*, *livrinho*) ou o depreciativo de *-ec-* (*lojeca*), acomodam um valor intensivo (*certinho*, *pertinho*) ou um valor apreciativo (*soneca*, *monstreco*). No caso de *-ão* os valores em coexistência são o diminutivo e o aumentativo, com claro ganho de uso deste. O pareamento entre forma e sentido não fica posto

em causa, se assumirmos que o valor do operador é o avaliativo, e que este se pode manifestar num sentido diminutivo ou aumentativo.

Para compreender o valor diminutivo de *-ão* torna-se, pois, necessário convocar conhecimentos históricos, que amiúde nos trazem luz sobre os usos mais próximos do operador no transcurso da língua. As abordagens a-históricas da morfologia e da semântica dos operadores afixais podem ocultar factos e realidades que ajudam a explicar satisfatoriamente os usos atuais dos mesmos. A utilidade do concurso da morfologia histórica e diacrónica torna-se, neste caso de *-ão*, inquestionável.

Ademais, ao permitir a coexistência dos valores aumentativo-intensivo e diminutivo no sufixo *-ão*, a língua portuguesa comunga, assim, das duas grandes redes idiomáticas que se formam no interior das línguas românicas: (i) a que inclui o francês, o provençal, o siciliano, o calabrês, o catalão, o aragonês e o galego, línguas cujos representantes de *-ONE* dispõem ainda do valor diminutivo; e (ii) a que congrega o castelhano, o italiano, o romeno, em que os descendentes de *-ONE* têm valor aumentativo-intensivo. Falta conhecer a fundo as dinâmicas dos fluxos lexicais que sustentam historicamente estas duas facetas do universo românico. Uma vez mais, o conhecimento da história e da expressão multilinguística dos descendentes de um mesmo étimo na sua família de línguas, propicia uma compreensão mais holística dos atuais valores de um operador sufixal, sejam os mais centrais, sejam os mais periféricos. Uns e outros são relevantes para o mapeamento do funcionamento do sufixo, na sua diferenciação intrassistémica e diassistémica, em razão da rede de contatos desde sempre mantidos entre as línguas românicas de diferentes latitudes.

Referências Bibliográficas

ALVES, Joana L. M. R. Lopes (1965), *A linguagem dos pescadores da Ericeira*. Lisboa, Junta Distrital de Lisboa.

ARONOFF, M.; FUEDEMAN, K. *What Is Morphology?* Oxford: Blackwell, 2005.

AZEREDO, J. C.de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2010.

Basílio, M. *Formação e classes de palavras no PB*. São Paulo: Contexto, 2004.

- BASÍLIO, M. *Teoria Lexical*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BOOIJ, G. *The Grammar of Words: An Introduction to Linguistic Morphology*. 2nd edition. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- BOOIJ, G. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- COSTA, J. A; MELO, A. S. e. *Dicionário da língua portuguesa*. 6ª edição, corrigida e aumentada. Porto: Porto Editora, 1984. [DLP]
- CUNHA, A. G. da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2ª edição, revista e acrescida de um suplemento. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986. [DELNF]
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 10 ed. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1984.
- CRUZ, M. L. S. da. *O falar de Odeleite*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian; Instituto Nacional de Investigação Científica, 1991.
- DIAS, J. L. *A linguagem popular da Beira Baixa*. Lisboa: Editorial Império, 1962.
- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2021. <https://dicionario.priberam.org/> [consultado em 09-11-2021].
- DIEZ, F. *Grammaire des langues romanes*. Tome II. Paris, A. Franck, 1874.
- FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 1ª edição, 15ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975; 2ª edição. 1987. [NDLP]
- FIGUEIREDO, C. de. *Grande dicionário da língua portuguesa*. 2 vols. Lisboa: Bertrand. 1º vol., 16ª edição, 1981; 2º vol., 15ª edição, 1982. [DLPCF]
- GIRÃO, A. de A. Mondego, Mondeguinho e Mondegão. In: *Boletim do Centro de Estudos Geográficos*, nº 10-11, p. 90-91, 1955.
- GIRÃO, A. de A. O sufixo -ão como diminutivo toponímico. In: *Boletim do Centro de Estudos Geográficos*, nº 14-15, p. 55-57, 1957.

GONÇALVES, C. A. *Atuais tendências em formação de palavras*. São Paulo: Contexto, 2016.

GONÇALVES, C. A. V. et al. Para uma estrutura radial das construções X-ão do português do Brasil. In: ALMEIDA, M. L. L. et al. (Org.). *Linguística Cognitiva em foco: morfologia e semântica*. Rio de Janeiro: Publit, 2009. p. 141-156.

GONÇALVES, C. A. V.; ALMEIDA, M. L. L. de. Morfologia construcional: principais ideias, aplicação ao português e extensões necessárias. *Alfa*, São Paulo, v. 58 nº 1, p. 165-193, 2014.

HARRIS; M; VINCENT, [N.](#) (eds). *The Romance Languages*. Oxford: Oxford University Press. 1990.

HASSELROT, B. *Études sur la formation diminutive dans les langues romanes*. Upsala: Acta Universitatis Upsaliensis, 1957.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa [DEH]*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2002.

KEHDI, V. *Formação de palavras em português*. São Paulo: Ática, 1992.

LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar*. Vol. I: theoretical prerequisites. Stanford: University Press, 1987.

LEDGEWAY, A.; MAIDEN, M. (ed). *The Oxford Guide to the Romance Languages*. Oxford: Oxford University Press. 2016.

LEDGEWAY, A.; MAIDEN, M. (ed). *The Cambridge Handbook of Romance Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press. 2022.

LICHTENBERK, F. On the gradualness of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (Ed.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1991. v.1, p. 37-80.

LOUÇÃO, J. L. L. Lexicografia das margens do Minho. In: *Revista Lusitana*, vol. XXIX, p. 246-276, 1931.

MACARA, M. C. C. *O falar dos lavradores e pescadores do concelho de Olhão. Contribuição para o estudo linguístico, etnográfico e folclórico*. Dissertação (Licenciatura em Filologia Românica). Faculdade de Letras. Universidade de Coimbra. Coimbra. 1964.

MACHADO, J. P. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 3ª edição, 5 vols. Lisboa, Livros Horizonte, 1977. [DELP].

MAGNO, L. M. dos S. *Áreas lexicais em Portugal e na Itália*. Dissertação de Licenciatura. Coimbra. Separata da *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XI. 1961.

MAIA, C. de A. *Os falares do Algarve (inovação e conservação)*. Separata da *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XVII. Coimbra, 1975

MEYER-LÜBKE, W. *Grammaire des langues romanes* (traduction par Auguste Doutrepoint e Geroges Doutrepoint). Tome II: Morphologie. Paris: H. Welter Éditeur, 1895.

MICHAËLIS DE VASCONCELOS, C. *Lições de filologia portuguesa (segundo as prelecções feitas aos cursos de 1911-1912 e 1912-1913)*. Lisboa: Dinalivro, 1914.

NETTO, M. T. de M. L. A linguagem dos pescadores e lavradores do concelho de Vila do Conde. Separata da *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. I, p. 59-151 e vol. II, p. 122-187, Coimbra, 1949.

PEREIRA, F. A. *Glossário dialectológico do concelho de Arcos de Valdevez (Alto-Minho)*. In: *Revista Lusitana*, vol. XX, p. 239-256, 1917.

PIEL, J. M. A formação dos nomes de lugares e de instrumentos em português. In: *Boletim de Filologia*, tomo VII, fasc. 1, p. 31-47, 1940.

PIEL, J. M. Nomes de lugar referentes ao relevo e ao aspecto geral do solo (capítulo de uma toponímia galego-portuguesa). Separata da *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. I, tomo I, p. 153-197, 1947.

PINTO, A. A. *Áreas linguístico-etnográficas de alfaias agrícolas de corte*. Sep. de: *Biblos* (Coimbra. Faculdade de Letras), vol. 57, p. 97-163, 1981.

PINTO, A. A. *Isoléxicas portuguesas: antigas medidas de capacidade*. Coimbra: Universidade de Coimbra. Faculdade de Letras. Instituto de Língua e Literatura Portuguesas. Sep. de *Revista Portuguesa de Filologia*, vol. XVIII, 1983.

POMBINHO Jr., J. A. Vocabulário alentejano (subsídios para o léxico português). In: *Revista Lusitana*, vol. XXVI, p. 68-83, 1924.

Relatórios do *Inquérito Linguístico Boléo*. Faculdade de Letras de Coimbra. [R.I.L.B.]

ROSA, M. C. A. P. *Formação de nomes aumentativos: estudos da produtividade de alguns sufixos portugueses*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1982.

SANTOS, M. J. M. *Os falares fronteiriços de Trás-os-Montes*. Coimbra. Instituto de Língua e Literatura Portuguesas, 1967.

SEITA, I. F. *A linguagem popular de Aldeia Nova de São Bento*. Dissertação (Licenciatura em Filologia Românica). Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. Lisboa, 1944.

SILVA, F. J. *Dicionário da língua portuguesa*. [DLPDB] 3ª edição, actualizada e valorizada com centenas de locuções latinas, gregas e estrangeiras. Porto: Domingos Barreira, 1955.

SILVA, J. T. da; SILVA, W. P. e. Patemização em anúncios publicitários: uma análise morfopragmática das construções X-inho e X-ão. In: *A cor das Letras*, Revista Digital dos Programas de Pós-Graduação do Departamento de Letras e Artes da UEFS Feira de Santana, v. 22, n. 1, p. 137-164, janeiro-abril 2021.

SILVA, M. C. L. R. M. da. *Vila Nova de Ourém. Contribuição para o estudo linguístico, etnográfico e folclórico do concelho*. Dissertação (Licenciatura em Filologia Românica). Faculdade de Letras. Universidade de Coimbra. Coimbra, 1972.

SILVA, M. G. G. e *Figueiró dos Vinhos. Contribuição para o estudo da linguagem, etnografia e folclore do concelho*. Dissertação (Licenciatura em Filologia Românica). Faculdade de Letras . Universidade de Coimbra. Coimbra, 1960.

SOUSA, G. S. de. *Tratado descritivo do Brazil em 1587*. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1851

TAVARES, M. C. A toponímia da região centro-norte de Mato Grosso do Sul. In: ISQUERDO, A. N. (org.). *Toponímia ATEMS: caminhos metodológicos*, v.1. Campo Grande, MS : Ed. UFMS, 2019. p. 111-147.

VITERBO, Fr. J. de S. R. *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram*. Edição crítica por Mário Fiúza, baseada nos manuscritos do autor. Porto e Lisboa, Livraria Civilização, vol. I e vol. II. 1965, 1966.

AUTOR XXX 1

AUTOR XXX 2

AUTOR XXX 3